

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI
CA

N.12

ANO 12
NOVEMBRO.2023
MACEIÓ.AL
BRASIL

ISSN 1980-8992

“TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO ‘TOPOV’, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Lenilda Soares Estanislau
de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

TESOUREIRA

Maria Edna de Melo Silva

SECRETÁRIA

Izaura Maria Wanderley Brito

**COORDENADORA DA COMISSÃO
DE FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

Nádima Carvalho Olímpio da Silva

**COORDENADOR DA COMISSÃO
DE COMUNICAÇÃO**

Esperidião Barbosa Neto

**COORDENADORA DA COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo

**COMISSÃO CIENTÍFICA
E EDITORIAL**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo
Heliane de Almeida Lins Leitão
Nidyanne Porfirio da S. Pires

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Estúdio Grão
estudiograo.com

FOTO DE CAPA

Michel Rios



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

www.gpal.com.br

gpalmaceio@hotmail.com

Instagram: [gpalmaceio](https://www.instagram.com/gpalmaceio)

GÊNERO E PSICANÁLISE: FUNCIONAMENTO DISCURSIVO, DIMENSÃO PATRIARCAL E PONTOS DE INTERLOCUÇÃO¹

NADIA REGINA LOUREIRO DE BARROS LIMA

Docente aposentada/UFAL, assistente social, psicóloga, psicanalista, mestra em Sociologia (UFPE), doutora em Psicologia Social (Universidade do Minho, Portugal), doutora em Linguística (UFAL), pós-doutora em Linguística (UFRJ), membro do GPAL (licenciada), do NTMC/Ufal e da Redor. E-mail: nadiarlbl@gmail.com.

RESUMO

Com este artigo, propomos uma reflexão sobre as Formações Discursivas Gênero e Psicanálise – ambas centradas na subjetividade humana – e a dimensão patriarcal, tendo como lastro de análise o dispositivo teórico-metodológico da Teoria da Análise do Discurso. Inicialmente, contextualizamos histórico-conceitualmente

o Patriarcado e sua inserção na Teoria da Análise do Discurso: Formação Ideológica Patriarcal. Como uma Disciplina de Entre-meu, a Teoria da Análise do Discurso implica a conexão entre campos de saberes. Buscamos identificar

¹ Parte do conteúdo deste artigo foi apresentada no 20º Encontro Redor/2018, na UFBA. Este artigo será oportunamente apresentado em evento no GPAL.

pontos de encontro e desencontro entre Gênero e Psicanálise e levantamos a questão sobre uma interlocução possível. A Lógica da Particularidade – unidade na análise – e a unidade do simbólico e das práticas falantes são alternativas possíveis para viabilizar o processo de interlocução.

Palavras-chave: gênero; Psicanálise; patriarcado; Análise do Discurso.

RÉSUMÉ

Dans cet article, nous proposons une réflexion sur les Formations Discursives Genre et Psychanalyse – toutes deux centrées sur la subjectivité humaine – et la dimension patriarcale, en ayant comme support d'analyse le dispositif théorique-méthodologique de la Théorie de l'Analyse du Discours. Dans un premier temps, nous contextualisons historiquement et conceptuellement le Patriarcat et son insertion dans la Théorie de l'Analyse du Discours : Formation Idéologique Patriarcale. En tant que discipline de l'entre-deux, la T de l'Analyse du Discours implique la connexion entre champs de connaissance. Nous cherchons à identifier des points de rencontre et de désaccord entre le Genre et la Psychanalyse et posons la question d'une possible interlocution. La logique de la Particularité – unité dans l'analyse – et l'unité du symbolique et des pratiques de parole sont des alternatives

possibles pour permettre le processus d'interlocution.

Mots-clés: genre; Psychanalyse; patriarcat.

Com o presente artigo, buscamos identificar pontos de interlocução entre os campos de saberes Psicanálise e Teoria de Gênero, ambos preocupados com a construção da subjetividade humana. Nesse processo, pretendemos que a reflexão realizada seja guiada pelo dispositivo teórico-metodológico da Análise do Discurso, uma disciplina de *entremeio* filiada à Escola Francesa de Michel Pêcheux. Numa visão transdisciplinar, a Teoria da Análise do Discurso é construída por uma pluralidade de campos de saberes: Teoria do Discurso, Materialismo Histórico, Linguística e Psicanálise.

Nesse processo, recortamos, particularmente, a análise do funcionamento discursivo dos sujeitos feministas e psicanalistas, ambos influenciados por relações sociais – entre elas, a patriarcal. Assim, partimos da suposição de que, em cada um deles, a dimensão patriarcal produz *efeitos de sentidos*

específicos, tendo em vista a *forma-sujeito*, ou seja, o lugar de onde cada um fala. Diante disso, questionamos: que efeitos de sentidos o Discurso Patriarcal produz em psicanalistas que fundamentam sua construção teórico-prática na Formação Discursiva Psicanalítica? E em feministas, sujeitos discursivos que, através da História, vêm ocupando a posição sujeito do gênero feminino subordinado?

Considerando a Teoria da Análise do Discurso, o sistema patriarcal implica a presença de forças em conflito materializadas na relação de desigualdade social estabelecida, através da História, entre o masculino e o feminino; a isso se denomina Formação Ideológica Patriarcal. Esta vem atravessando a História, sobrevivendo até os dias atuais e produzindo efeitos nos sujeitos masculino e feminino. Entendemos que a relevância dessa reflexão consiste, entre outros resultados, na possibilidade de: identificar as fontes ideológicas que produzem efeitos de sentidos nos sujeitos discursivos; contribuir para a produção de um conhecimento relativo ao funcionamento discursivo sobre o Patriarcado na contemporaneidade para os campos dos saberes psicanalítico e dos estudos de gênero; possibilitar um espaço de interlocução entre esses dois campos de saberes, seja na discussão teórica, seja em sua prática profissional e ação social.

O SISTEMA PATRIARCAL ONTEM E HOJE: DISCURSO, MATERIALISMO

HISTÓRICO, TEORIA DE GÊNERO E PSICANÁLISE

Nessa busca de apreensão da presença do sistema patriarcal na História da humanidade, iniciamos por questionar: em que consiste o Patriarcado?

No sentido literal, o Patriarcado consiste num “regime social em que o pai exerce autoridade preponderante” (Ferreira, 1975, p. 1.047), significando, pois, o governo dos pais. Sociologicamente, de acordo com Ferreira (1975, p.1.047), patriarcal “diz-se de um tipo ou forma de família que se desenvolveu em certas épocas, como, por ex., na Antiguidade Clássica, e em que o chefe de família ou patriarca, duma autoridade absoluta, resumia toda a instituição social do tempo”.

Para efeito da análise, necessário se faz situar na Teoria da Análise do Discurso conceitos básicos e, entre eles, *ideologia* e *inconsciente*, que produzem efeitos de sentidos nas práticas discursivas dos sujeitos psicanalistas e feministas na contemporaneidade, de acordo com a presença da Formação Ideológica Patriarcal. Esse processo impõe uma breve revisão de literatu-

ra nos campos de saberes: Teoria da Análise do Discurso, Teoria de Gênero, Materialismo Histórico e Psicanálise.

TEORIA DA ANÁLISE DO DISCURSO, UMA DISCIPLINA DE ENTREMEIO

A Teoria da AD² intenta não uma demonstração, mas saber como um *Discurso* funciona produzindo “(efeitos de) sentidos entre locutores” (Orlandi, 2001, p. 21), palavra em movimento, movimento de sentidos. Isso significa buscar para onde esses sentidos apontam, a partir da posição ocupada pelos sujeitos enunciantes (*Formas-sujeitos*) – psicanalistas e feministas –, bem como as imagens projetadas resultantes dessa posição.

Ao se apreender o *funcionamento discursivo*, os sujeitos em pauta são, nas palavras de Henry (1992, p. 188), “ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente, e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem”. O processo de constituição subjetiva, portanto, sustenta-se nos pilares da ideologia e do dese-

jo, ambos marcados por mecanismos inconscientes: sujeito e sentido constituem-se mutuamente. Este sentido não existe em si mesmo; ele é determinado pelas posições ideológicas presentes no processo histórico em que as palavras são produzidas. Nessa perspectiva, a Análise do Discurso está interessada no texto como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso, sobre o qual a Análise do Discurso se propõe falar, contando, na sua constituição, com mecanismos ideológicos e inconscientes.

Conforme Pêcheux e Fuchs (1993, p. 166): “Cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes

2

A Teoria da Análise do Discurso conta, em seu ato fundador, com um artigo do estruturalista americano Z. Harris (1952), que cunhou o termo. Na década de 1960, em Paris, Michel Pêcheux elaborou uma teoria da linguagem intrinsecamente articulada com o Materialismo Histórico (a partir da releitura de Althusser), a Linguística de Saussure, a Teoria do Discurso e atravessada pela Psicanálise lacaniana. Por esse seu caráter transdisciplinar, caracteriza-se como uma disciplina de *entremeio*.

em conflito”. A essas posições em conflito, acrescentemos também as de raça e gênero, entre outras. Em nossa reflexão, as forças em conflito estão materializadas na relação de desigualdade social estabelecida através da História entre os sujeitos antagônicos – masculino e feminino/relação de gênero – pela atuação da Formação Ideológica Patriarcal.

PATRIARCADO, TEORIA DE GÊNERO, MATERIALISMO HISTÓRICO E PSICANÁLISE

Para a Teoria de Gênero, o Patriarcado consiste na hegemonia masculina. A relação entre Capitalismo e Patriarcado constitui um eixo básico de análise que visa à apreensão das condições históricas das relações de gênero e do funcionamento discursivo sobre o Patriarcado hoje, para sujeitos psicanalistas e feministas. Gênero, por sua vez, consiste numa categoria de análise que busca apreender como as relações de dominação entre homens e mulheres são socialmente construídas. Na dinâmica sócio-histórica, encontra-se intrinsecamente entrelaçada com as demais formas de

dominação – classe, raça, entre outras –, reforçando-as e reproduzindo-as.

Historicamente, o ponto de partida da concepção de gênero ocorreu por volta de meados da década de cinquenta do século vinte, quando John Money (1955) propôs o termo *gender role* para descrever o conjunto de condutas atribuídas aos homens e às mulheres. Seus estudos pioneiros sobre hermafroditismo o levaram a inferir a necessária distinção entre sexo e gênero. Mais tarde, Robert Stoller, no livro *Sex and Gender* (1968), estabelece com mais nitidez a diferença conceptual entre sexo (qualidade de fêmea e macho) e gênero (feminino e masculino)³.

A dinamicidade da relação de gênero, no que concerne aos efeitos sociais e políticos, pode ser apreendida a partir de sua conceituação, que,

³ _____
A perspectiva desconstrutivista de Judith Butler, uma das referências do movimento queer, propõe a teoria do transgênero, que ultrapassa o binarismo homem-mulher.

para Scott (1995), é constituída por duas proposições fundamentais: gênero como elemento constitutivo de relações sociais – simbolismo de gênero, estrutura de gênero e identidade de gênero – fundadas nas diferenças percebidas entre os sexos, ou seja, gênero como primeiro modo de dar significado às relações de poder.

Entre as teóricas que vêm trabalhando a relação de gênero e Patriarcado, destacamos Pateman, em sua obra *Contrato Sexual* (1988), na qual o patriarcado é identificado como um contrato sexual atuante no âmbito privado, mas com desdobramentos para o espaço público. Isso permite que se constate a atuação da estrutura patriarcal do capitalismo e de toda a sociedade civil, donde os desdobramentos de estruturas patriarcais de pensamento e os desdobramentos para a questão de gênero se fazem presentes no âmbito dos direitos, configurando uma relação hierárquica e, portanto, de poder.

Em relação ao Patriarcado, como o Materialismo Histórico apreende seu surgimento na História e sua permanência na contemporaneidade? Em sua obra de 1884, *História da família, da propriedade privada e do Estado* (1978), Engels associa a propriedade privada dos meios de produção à origem da família patriarcal, cabendo à figura paterna o exercício da autoridade máxima: a descendência é patriline-

ar e a mulher, um ser subordinado com lugar estabelecido na reprodução.

E para algumas perspectivas psicanalíticas, como vem sendo apreendido o Patriarcado ontem e hoje? Desde meados do século 18, com o desenvolvimento do processo de industrialização, a estrutura familiar vem passando por transformações no seu núcleo básico, chegando aos dias atuais com uma estrutura em que a figura de autoridade do *pater familias* já não exerce aquela posição de mando própria do patriarcado clássico. Essa transformação da estrutura familiar vem sendo apreendida pelos campos de saberes de modo diverso; alguns entendem tal transformação como um sinal da queda do Patriarcado, a exemplo de Jeruzalinski (2013), em *O declínio do Império Patriarcal*, e Xavier (1998), em *Declínio do Patriarcado*.

Na esteira dessa discussão, dois aspectos, hoje, se fazem presentes: a queda do Patriarcado – declínio dos valores tradicionais e da posição de algumas figuras outrora no exercício do

poder: Deus, Pai, Chefe; e a queda do Falocentrismo⁴. De acordo com a análise psicanalítica de Brousse (2018), não se trata da queda do falo, e sim do Patriarcado, pois o que ocorre na contemporaneidade é muito mais uma batalha de repartição de poder fálico entre homens e mulheres. Segundo esse poder falocêntrico, nada falta às mulheres, porque falam e se mostram tão falocêntricas quanto os homens, inseridas numa batalha pela repartição do poder fálico de falar.

Já outros olhares, embora reconheçam a crise do patriarcalismo, asseveram que, no mundo inteiro, este sistema “ainda está vivo e passando bem [...]” (Castells, 1999, p. 278). Nessa mesma linha de raciocínio, posicionam-se feministas francesas que, na obra *O Patriarcado Desvendado* (Ferreira et al., 2014), abordam o modo como este sistema se faz presente na contemporaneidade.

Entre as obras psicanalíticas clássicas que abordam esse tema, merece destaque a de Freud – *Totem e Tabu* (1913/1974) –, uma referência primordial: o pai na horda primitiva e seu assassinato pelos filhos,

sequenciado pelo sentimento de culpa e pela instituição do totem como representante do pai, e a instituição da lei, pela via do tabu do incesto. Esta obra é assinalada por dois eventos: o banquete totêmico e o Complexo de Édipo (Sófocles), um mito patriarcal que marca a entrada do ser humano na cultura, com a proibição exogâmica do incesto, o papel do pai, a troca de mulheres: “Com a introdução das divindades paternas, uma sociedade sem pai gradualmente transformou-se numa sociedade organizada em base patriarcal” (Freud, 1913/1974, p. 178). A história da humanidade é determinada, portanto, por um fator: o assassinato do pai primevo na Pré-História. Assim sendo, a marca simbólica do pai morto é a lei que institui/constitui a sociedade humana; o pai morto é a marca do Patriarcado.

4 _____
Não se trata de um conceito psicanalítico, e sim proveniente de uma crítica à hegemonia masculina: é derivado de Phallus, que, na Antiguidade greco-latina, correspondia à representação figurada do órgão sexual masculino. Na Psicanálise, é mencionado por Freud – primado do falo – no sentido adjetivado (função fálica, fase fálica); em Lacan, tornou-se um conceito fundamental, ocupando lugar central na teoria psicanalítica, pois o falo é um significante, poder da fala.

Na contemporaneidade, a questão do “declínio da função paterna” está em evidência na discussão do Patriarcado, questão essa já presente na obra de Lacan (1964/1990). Na visão lacaniana, o *simbólico* ocupa posição crucial; em razão disso, entende-se por que Lacan (1964/1990, p. 25) afirma que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, o que explica também a presença da Psicanálise na composição da T. da AD, dado o lugar ocupado pelo *simbólico* na constituição do Discurso. No que se refere à estrutura psíquica, esta é constituída por três registros RSI (Real, Simbólico, Imaginário), intimamente entrelaçados – Nó Borromeano – numa rede interdependente, dando conta da estrutura do sujeito do inconsciente. Este, longe da regência do pensamento racional cartesiano – Penso, logo existo –, é regido pelo não pensar, conforme afirma Lacan (1966/1998, p. 521): “[...] penso onde não sou, logo sou onde não penso”.

Nessa interconexão de saberes – Teoria de Gênero, Materialismo Histórico e Psicanálise – em busca de apreender o Patriarcado na contemporaneidade, merece destaque a concepção de simbólico: se para o Materialismo Histórico é marcado pela mudança de acordo com os modos de produção, para a concepção estruturalista o simbólico tem uma conotação universal. Esse aspecto é básico para a compreensão do funcionamento discursivo, tendo em vista a premissa da materialidade discursiva

e os conceitos de condições de produção e ideologia na constituição do sujeito e sentidos. É o sentido *histórico de estrutura* que permite entender o processo de mudança nas posições de sujeito, ao contrário de uma visão rigorosamente estruturalista em que, como afirma Kehl (1998, p. 29), corre-se o risco de aprisionamento essencialista, seja de ordem biológica – “anatomia é destino” –, seja de ordem linguística – “linguagem é destino”.

DISCUTINDO ENCONTROS E DESENCONTROS: GÊNERO, PSICANÁLISE E PATRIARCADO

Percebe-se, portanto, que no palco da contemporaneidade, no que se refere ao Patriarcado, vozes ressoam de modo diverso, ora se encontrando, ora se desencontrando.

Em seu texto *Ontogênese e filogênese: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra as mulheres*, Saffioti (1992) discute a questão da polissemia conceitual do conceito de gênero e, entre as limitações dessa postura, destaca o essencialismo: ora teorias enfatizam o aspecto biológico, ora enfatizam o

social. Para superar essa visão dualista cartesiana, a autora reconhece como possibilidade de superação desse dualismo a perspectiva ontológica da Lógica da Particularidade de Lukács, que dá conta da unidade das três esferas ontológicas: inorgânica, orgânica e social.

Ao trazer essa noção de unidade para a análise do poder na sociedade, Saffioti (1992), usando a imagem do nó, menciona que há uma estrutura de poder que unifica as três subestruturas – de gênero, de raça/etnia e de classe social –, disso resultando a organização dessas subestruturas na estrutura global no novo Patriarcado, Racismo e Capitalismo. Com essa visão de unidade, ter-se-iam as relações entre gênero-patriarcado, sexo-gênero, dominação-exploração eu-outro, entre outras conexões.

Se, para Engels, o Patriarcado é apreendido como o responsável pela desaparecimento do sistema matriarcal, o que significou a primeira derrota histórica das mulheres, na Psicanálise, a referência de implantação da civilização patriarcal é a obra de Freud *Totem e Tabu* (1913/1974). Eis, nesse reconhecimento – o Patriarcado e a derrota histórica da mulher –, um ponto de encontro entre a construção teórica de Engels e Freud.

A Teoria de Gênero – como *Formação Discursiva* que enfoca a relação de poder do masculino sobre o feminino – afirma que o Patriarcado não está em declínio, e muito menos o Falocentrismo, isto porque, seguindo a

leitura de Pateman (1988), no *Contrato Sexual*, se a “lei do pai” se acha em queda, o mesmo não parece estar acontecendo com a “lei do marido”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gênero e Psicanálise: uma interlocução possível? No decorrer desta reflexão, guiada pela Teoria da Análise do Discurso, sobre a relação entre as Formações Discursivas Teoria de Gênero e Psicanálise, dada a presença de olhares diversos em relação à dimensão patriarcal – presente ou em declínio? –, verificaram-se pontos de encontro e desencontro.

Um ponto de encontro fundamental é a presença do Simbólico em ambas as Formações Discursivas no que se refere à constituição da subjetividade humana. No tocante ao desencontro, destacamos a concepção de Estrutura: enquanto, na Formação Discursiva Psicanalítica, a ênfase está no processo de sexuação e nos demais processos daí decorrentes, na Formação Discursiva Teoria de Gênero, enfatiza-se a relação de poder patriarcal de gênero.

Diante desse modo particular de cada Formação Discursiva apreen-

der a questão em foco, será possível vislumbrar um espaço de interlocução? Supomos que sim, considerando o seguinte: do ponto de vista ontológico e seguindo a proposta de Safioti (1992), busca-se uma visão de unidade na análise – ao invés de separar dualisticamente, buscar a *unidade* das esferas ontológicas orgânica e social. Um segundo ponto seria atentar para o lugar do *simbólico* e das práticas falantes no processo de subjetivação, desencadeadores de mudanças através da fala.

As formações de linguagem precedem os humanos e os inscrevem em posições na ordem simbólica desde o nascimento, pois, como assevera Kehl (1998, p. 11), “‘homem’ e ‘mulher’ são os primeiros significantes que nos designam, logo que chegamos ao mundo, antes de qualquer possibilidade de escolha ou mesmo de desejo”. E a autora prossegue: “[...] a inscrição dos sujeitos homens e mulheres, no discurso do Outro, não é rigidamente fixada [...] passa por modificações ao longo da história e com isso os lugares que a cultura confere aos sujeitos” (Kehl, 1998, p. 29). O próprio estatuto da Psicanálise buscou, em seu ato inaugural, criar esse espaço de fala, nomeado de “*talking-cure*” por uma das pioneiras clientes de Freud.

Portanto, é pela via da fala que as mudanças no espaço psicanalítico acontecem, na escuta de analisantes nas suas singularidades que, por sua vez, estão alicerçadas num lastro simbólico historicamente construído. Este tam-

bém serve de base para a Formação Discursiva da Teoria de Gênero. Assim, construir um espaço entre essas duas Formações Discursivas implica reconhecer o traço *unidade do simbólico* como constituinte de ambas: o aspecto singular da escuta (processo psicosexual da construção subjetiva/gozo inconsciente) e o social (relação de poder patriarcal de gênero).

Consideramos, enfim, que as mudanças na relação de poder patriarcal de gênero acontecerão à medida que as mulheres forem assumindo “práticas falantes” como possibilidade de abrir novos caminhos na história. Sobre esse aspecto, afirma Kehl (1996, p. 65): “Que tenhamos nós, mulheres, conquistado o *falo da fala*, preparando caminho para nossa própria existência. Criando a possibilidade de inscrever no inconsciente da espécie, nem que seja daqui a duzentos anos, os signos de nossas subjetividades [...]”.

REFERÊNCIAS

Brousse, Marie-Hélène (2018). A queda do falocentrismo. Entrevista. XII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. Rio de Janeiro. Recupe-

rado de: <https://www.ebp.org.br/marie-helene-brousse-a-queda-do-falocentrismo>.

Castels, Manuel (1999). *O poder da identidade: da trilogia à era da informação – economia, sociedade e cultura*, v. 2, t. 2. pp. 169–285. São Paulo: Paz e Terra.

Engels, Friedrich (1978). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (1975). *Novo dicionário de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Ferreira, Verônica *et al.* (2014). *O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas*. Recife: SOS Corpo.

Freud, Sigmund (1974). Totem e tabu. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 13, pp. 20–191. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).

Henry, Paul (1992). *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Unicamp.

Jerusalinsky, Alfred (2013). *O declínio do Império Patriarcal*. São Paulo: USP/Lugar de Vida.

Kehl, Maria Rita (1998). *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Kehl, Maria Rita (1996). *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago.

Lacan, Jacques (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).

Lacan, Jacques (1990). *O Seminário: livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).

Lima, Nadia Regina Loureiro de Barros (2018). *O Patriarcado na contemporaneidade: encontros e desencontros entre Psicanálise e Teoria de Gênero*. Trabalho apresentado na XX Redor, Salvador.

Money, John (1955). *Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: psychologic findings*. Baltimore Bull: Johns Hopkins Hospital.

Orlandi, Eni Pulccinelli (2001). *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.

Pateman, Carole (1988). *The sexual contract*. Stanford: Stanford University Press.

Pêcheux, Michel & Fuchs, Catherine (1993). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In T.F.K.T. Gadet (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp.

Saffioti, Heleieth Iara Bongiovani (1992). *Ontogênese e filogênese: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra as mulheres*. São Paulo: Fapesp.

Scott, Joan (1995) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, 20 (2), pp. 05-22.

Stoller, Robert (1968). *Sex and Gender*, v. 1. New York: Science House.

Xavier, Elódia (1998). *Declínio do Patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos.

Fontes : Família Gotham e Leitura News
Maceió, novembro de 2023
Publicado originalmente em novembro
de 2023 em www.gpal.com.br



